

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

LIA ROBERTA CARVALHO OLIVEIRA

**UMA ANÁLISE SOBRE A LITERATURA DE GÊNERO DISTÓPICO E
OS SEUS ELEMENTOS BASILARES NA OBRA *A CLOCKWORK
ORANGE* (1962) DE ANTHONY BURGESS**

TERESINA

2022

LIA ROBERTA CARVALHO OLIVEIRA

**UMA ANÁLISE SOBRE A LITERATURA DE GÊNERO DISTÓPICO E
OS SEUS ELEMENTOS BASILARES NA OBRA *A CLOCKWORK
ORANGE* (1962) DE ANTHONY BURGESS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras – Inglês da Universidade Estadual do Piauí como requisito parcial à conclusão do curso, sob a orientação da Prof. Esp. Paulo Mota Filho.

TERESINA

2022

LIA ROBERTA CARVALHO OLIVEIRA

**UMA ANÁLISE SOBRE A LITERATURA DE GÊNERO DISTÓPICO E OS SEUS
ELEMENTOS BASILARES NA OBRA *A CLOCKWORK ORANGE* (1962) DE
ANTHONY BURGESS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Estadual do Piauí – UESPI, como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Licenciatura Plena em Inglês.

Orientador: Prof^o. Esp. Paulo Mota Filho.

Aprovada em: 08/02/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Esp. Paulo Mota Filho
Orientador

Prof^o. Ms Evaldino Canuto de Souza

Membro

Prof^o. Esp. Mônica Maria de Amorim Ramos
Membro

Dedico à minha mãe e aos meus que
amigos.

*Goodness is something choosen.
When a man cannot choose,
he ceases to be a man (BURGESS,
1964)*

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão a minha mãe, pelo seu apoio incondicional em todos os momentos dessa caminhada.

Aos meus amigos, grandes incentivadores: Isabella, Marcos Eduardo, Gustavo, Maria Isadora e Amanda.

Toda gratidão e carinho ao meu amigo Tássio Cedryck, pelo companheirismo desde o primeiro dia do início do Curso, tendo com ele dividido tantos momentos de ensinamentos, amor e amizade.

Aos amigos da UESPI, em especial Lorena, Carol, Gabriela e Francisco, meus sinceros agradecimentos por me caminharem lado a lado comigo até aqui.

Aos meus queridos professores do Curso Letras/Inglês, meu eterno reconhecimento por compartilharem o saber com tanta dedicação e compromisso.

Votos de reconhecimento à Universidade Estadual do Piauí, por me proporcionar a realização do meu sonho, quando me concede o grau de Licenciada no Curso de Letras.

À Professora Dr^a. Márlia Riedel, meus agradecimentos pela paciência e meu reconhecimento pelo zelo e determinação, sempre lutando por melhoras e excelência no Curso de Letras/Inglês. Sem esse empenho, a jornada seria, por certo, inviável.

Por fim e, não menos importante, o meu muito obrigada ao Professor Esp. Paulo Mota, por aceitar ser o meu orientador, caminhando ombro a ombro comigo, desde a escolha do tema até a conclusão desse trabalho, burilando, juntos, a temática da obra, no contexto aqui exposto.

RESUMO

Tendo-se como objeto de estudo o livro *A Clockwork Orange* (1962), de Anthony Burgess, em sua publicação original em língua inglesa, o presente trabalho teve, como objetivo primordial, identificar e analisar os elementos basilares da distopia na obra em estudo, fazendo-se um paralelo entre as possíveis verossimilhanças dos temas apresentados nas narrativas, e os eventos que transcorrem nas sociedades contemporâneas. O referencial teórico foi composto por autores como Burgess (1962), Cândido (2000), Peter (2004), Byrnes (2010) e Marques (2019). A pesquisa tem caráter bibliográfico qualitativo pois, através dos extratos retirados da primeira edição da obra em língua inglesa, pode-se analisar e confirmar as relações existentes entre a distopia de Burgess e os eventos no mundo contemporâneo, bem como, identificar os propósitos de Burgess ao criar a linguagem artificial Nadsat, a qual se constitui como um registro linguístico da gangue de Alex, bem como o de provocar um estranhamento ao leitor, fazendo com que o mesmo se sinta como os demais personagens que não fazem parte da gangue, não entendendo assim, a comunicação que é compartilhada pelos delinquentes.

Palavras-chave: *A Clockwork Orange*; Distopia; Contemporaneidade.

ABSTRACT

Used as object of study the book *A Clockwork Orange* (1962), by Anthony Burgess, in its original publication in English, the present work had, as a primary objective, to identify and analyze the basic elements of dystopia in the work under study, the possible likelihood of the themes presented in the narratives, and the events that take place in contemporary societies. The theoretical framework was composed of authors such as Burgess (1962), Cândido (2000), Peter (2004), Byrnes (2010) and Marques (2019). The research has a qualitative bibliographical character because, through the extracts taken from the first edition of the work in English, one can analyze and confirm the relations between the dystopia of Burgess and the events in the contemporary world, as well as identifying Burgess's purposes in creating the artificial language Nadsat, which constitutes a linguistic record of Alex's gang, as well as provoking a strangeness to the reader, making it feel like the other characters who are not part of the gang, not understanding the communication that is shared by delinquents.

Keywords: *A Clockwork Orange*; Dystopian Literature; Contemporaneity.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.....	23
Quadro 2.....	2
Quadro 3.....	2
Quadro 4.....	2
Quadro 5.....	2

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	SOBRE ANTHONY BURGESS E A SUA A <i>CLOCKWORK ORANGE</i>.....	14
2.1	Sinopse da trama em <i>A Clockwork Orange</i> (1962).....	15
3	BREVES RELATOS SOBRE DISTOPIAS.....	17
3.1	Os Elementos Basilares na Distopia em <i>A Clockwork Orange</i> (1962).....	18
3.1.1	Sobre as Linguagens Artificiais e a sua Relevância em <i>A Clockwork Orange</i> (1962).....	20
4	METODOLOGIA.....	22
4.1	Tipo de pesquisa.....	22
4.2	Amostra.....	22
4.3	Técnica de Coleta de Dados.....	22
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	23
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

Partindo-se da premissa de que a Literatura é a arte da palavra, torna-se necessário se argumentar sobre as diversas possibilidades que abrangem a sua importância, como por exemplo, promover o desenvolvimento do indivíduo, ajudando assim nas construções e formações de sua personalidade.

O habituar-se à prática leitora promove oportunidades para se desenvolver a criatividade, o vocabulário, a imaginação, as interpretações a respeito do mundo, bem como, através das vivências ou alusões aos conhecimentos históricos de uma época.

A Literatura possibilita que pontes sejam estabelecidas entre os indivíduos e os contextos proporcionados e que são desenvolvidos pelas narrativas. Sendo um instrumento de comunicação nas práticas interativas sociais, a Literatura tem como um de seus principais papéis, aquele de transmitir os conhecimentos, cultura e os valores de uma sociedade, ou seja, todos e quaisquer dos gêneros literários produzidos estão interligados às sociedades em que se originam.

Ao se considerar que os autores de obras literárias não exercem o seu ofício/a sua arte indiferentes à realidade, torna-se possível argumentar que, as motivações em seus processos de criação, desenvolvimento e concretização de suas produções artísticas literárias, são decorrentes de uma gama de fatores, como por exemplo: seu universo interior (emoções, insatisfações, desejos, dúvidas, etc.), sua personalidade, suas ideias e indagações sobre os contextos histórico-sócio-político-cultural e econômico em que vive, sua relação com as pessoas e com o mundo que fazem parte de sua vivência, bem como do conhecimento prévio já adquirido e que o instiga a mudanças e revoluções.

De acordo com o que fora apresentado anteriormente, pode-se considerar a Literatura como uma forma de expressar os valores, experiências e vivências, conhecimentos, tradições, as culturas e as identidades, os quais são transmitidos de geração em geração, representando a história de um povo, a temporalidade de seus acontecimentos, conferindo-lhes assim, características específicas, tanto das produções literárias, como da época em que foram publicadas.

A motivação para a realização deste trabalho acadêmico parte da premissa de que, as obras literárias se constituem como um dos melhores e adequados recursos para se compreender a realidade, a qual expressa a substância da vida humana em suas narrativas.

O objeto de estudo é a obra *A Clockwork Orange* (1962), de Anthony Burgess, bem como os artigos, dissertações, teses e demais obras literárias, usadas como referências complementares, os quais foram de crucial importância para a concretização dos propósitos previamente apresentados.

Visto que, indivíduos vivem em sociedades com princípios e valores sociais, políticos e culturais que embasam e influenciam os seus pensamentos, ideias, ações e vivências, torna-se necessário analisar os elementos basilares que compõem a distópica obra *A Clockwork Orange* (1962), com o propósito de se elucidar as suas verossimilhanças e suas influências nos contextos da contemporaneidade.

A pesquisa teve como problematização os seguintes questionamentos: mesmo sendo publicada pela primeira vez há mais de 60 anos, torna-se possível a identificação dos elementos basilares da distopia em *A Clockwork Orange* (1962), bem como as suas possíveis influências em relação aos contextos histórico-sócio-político e cultural vivenciados na contemporaneidade? Partindo-se da premissa de que a primeira publicação de *A Clockwork Orange* (1962), em língua inglesa, ser desprovida de um glossário, torna-se possível identificar quais os propósitos de Burgess ao criar e a inserir a linguagem artificial *Nadsat* e seus quase 200 verbetes na construção de sua trama?.

Com o propósito de se responder os questionamentos mencionados, construiu-se as seguintes hipóteses: a distópica obra de Burgess apresenta, no geral, um cenário sombrio e pessimista de uma sociedade sob o poder de um Estado Totalitário corrupto, autoritário, e que detém o controle absoluto de seus cidadãos, seus respectivos bens, e dos meios de comunicação com mensagens que solidificam os propósitos autoritários e controladores dos governantes de, insistente e impositivamente, estabelecer a apatia e a alienação daqueles subjugados ao governo. Tais eventos descritos, bem como as consequências por eles geradas, promovem reflexões sobre de como a temporalidade dos fatos históricos se revigora, fazendo assim, com que os eventos distópicos antes apresentados são concretizados em muitos contextos vivenciados na contemporaneidade; ao criar a linguagem artificial *Nadsat* com seus verbetes inteligíveis, observa-se que Burgess teve como um de seus principais propósitos, o de estabelecer a identidade dos indivíduos que fazem parte de um específico grupo, o qual assume comportamentos, ideias e ações que vão de encontro aos padrões sociais estabelecidos. Como somente os partícipes do grupo detém o conhecimento dos significados dos verbetes criados, tal fato possivelmente denote demonstrações de poder sobre os outros grupos e demais indivíduos do contexto em que vivem, fazendo com que os não-partícipes (como o leitor), fiquem à margem sobre as subjetividades e estranheza causados pela

linguagem artificial identitária usada na comunicação entre aqueles a comungarem da mesma segmentação.

Este trabalho acadêmico buscou, como objetivo geral, identificar, apresentar e analisar os elementos basilares que compõem e caracterizam a distopia em *A Clockwork Orange* (1962), fazendo um paralelo entre as possíveis verossimilhanças dos temas apresentados em suas narrativas, e os eventos que transcorrem nas sociedades contemporâneas. Os objetivos específicos que se seguem foram elencados como o propósito de se efetivar o objetivo geral ora apresentado. São eles: apresentar os conceitos e características da literatura distópica de gênero ficcional, analisar a influência dos elementos distópicos na construção e desenvolvimento da trama e do enredo da referida obra de Burgess, bem como promover elucidações sobre as linguagens artificiais, especificamente, tendo-se como foco analisar as motivações, influências e funções da linguagem artificial *Nadsat* na construção da distopia em *A Clockwork Orange* (1962).

Com o intuito de proporcionar uma compreensão técnica acerca da discussão, este trabalho acadêmico está organizado da seguinte forma: em primeiro lugar, é feita uma breve apresentação sobre o autor, Anthony Burgess, bem como uma sinopse de *A Clockwork Orange* (1962). Em seguida, discorre-se sobre os conceitos e características das literaturas distópicas. Logo em seguida, são apresentados os temas principais na obra, referido objeto de estudo. Após isso, a metodologia usada para o estudo que é apresentada. Na seção seguinte, a análise e discussão dos dados é apresentada a partir de extratos da obra em inglês e em português. Vale ressaltar que os dados são apresentados em quadros, seguidos das análises que foram feitas logo abaixo de cada um. Por fim, nas considerações finais, são apresentados os resultados obtidos, a fim de se constatar se os objetivos que foram alcançados.

A seguir, apresenta-se a bibliografia de Anthony Burgess, bem como as suas principais obras, com ênfase na obra que é objeto desse estudo, *A Clockwork Orange* (1962).

2 SOBRE ANTHONY BURGESS E A SUA *A CLOCKWORK ORANGE*

A Clockwork Orange (1962) é o décimo oitavo romance do escritor, dramaturgo, compositor, ensaísta, crítico literário e linguista britânico, John Anthony Burgess Wilson (1917-1993), sendo publicada pela primeira vez em 1962, pela editora Heinmann.

Burgess nasceu na cidade de Harpurhey, em Manchester, onde começa a escrever as suas primeiras narrativas.

Segundo Anthony (2019), ao longo de sua vida, o referido autor “escreveu 33 romances, 25 obras de não-ficção- entre elas 2 autobiografias-, 3 sinfonias, mais de 250 composições musicais e milhares de artigos, ensaios e críticas”.

Em 1940, Burgess se formou em Literatura e Língua Inglesa, na Universidade de Manchester, na qual, logo após, especializou-se em James Joyce e em William Shakespeare.

Byrnes (2010) diz que o autor serviu no exército britânico até o ano de 1946, período este referente ao da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). No pós-guerra, como professor, no ano de 1954, mudou-se para a Malásia, ministrando aulas na Kolej Melayu Kuala Kansar.

O autor somente adere como pseudônimo, Anthony Burgess, ao publicar a sua primeira obra literária, *Time for a Tiger* (1956), e três anos após, mudou-se para Brunei, no Sudoeste Asiático. No mesmo ano em que se muda para Brunei, teve que retornar de imediato para a Inglaterra, com o propósito de fazer exames médicos, consequência de um desmaio quando em sala de aula.

Desde quando os médicos o diagnosticaram com um câncer no cérebro e que recebeu a estimativa de que não teria mais que um ano de vida, Burgess, de forma efusiva, começou a produzir diversos trabalhos literários, composições musicais e textos jornalísticos. Neste período, Burgess já era então casado com Llwela (Lynne) Isherwood Jones, e de acordo com as informações na publicação *A Brief Life* (2019), o autor movido pelas inquietações em relação ao seu estado de saúde, passou a produzir diversas obras, tendo como principal propósito a sua constante preocupação em não deixar a sua esposa sem recursos financeiros após a sua morte.

Contrariando as opiniões dos médicos de que a sua expectativa de vida seria de apenas um ano, bem como o fato de que, o diagnóstico médico anteriormente recebido provavelmente estaria errado, mesmo assim, Burgess continuou dedicado à sua incansável produção literária.

No ano de 1961, começou a escrever *A Clockwork Orange* (1962), a qual foi publicada em 1962. Segundo *A Brief Life* (2019), a obra em estudo é considerada, de certa

forma como uma autobiografia, pois Burgess transporta para a trama o acontecimento real vivido por sua esposa em Londres, quando está fora brutalmente agredida e violentada por um grupo de partícipes do exército norte-americano, que tinham recentemente chegado à cidade.

Através de pesquisas, leituras da referida obra, tanto em língua inglesa como em português, bem como através das análises realizadas em relação aos elementos basilares que identificam e caracterizam *A Clockwork Orange* (1962), torna-se possível afirmar que, Burgess fora influenciado, primordialmente, pelos contextos histórico-sócio-cultural-político e econômico, consequentes do período pós Segunda Guerra Mundial.

Em seguida, faz-se necessário, primeiramente, apresentar uma sinopse da *A Clockwork Orange* (1962), a qual é narrada em primeira pessoa por Alex Delarge, personagem protagonista principal do referido romance distópico.

2.1 Sinopse da trama em *A Clockwork Orange* (1962)

Em um futuro hipotético ou incerto, uma Londres sombria é governada pelo poder autoritário e corrupto de um regime Estatal Totalitário. A opressão ditatorial traz, como consequências, a escassez de oportunidades de trabalho e de recursos mínimos para se garantir a dignidade dos cidadãos comuns. As injustiças sociais transformam aquela sociedade decadente que apática, tenta sobreviver aos acasos do caos instalado.

Alex Delarge é um adolescente de 15 anos apreciador de músicas clássicas e que lidera a sua gangue de delinquentes juvenis. Ele e seus companheiros, os *druguis*, tem como rotina todas as noites se reunirem para ingerir excessivas doses de ‘leite’ misturado a fortes drogas ilícitas e alucinógenas, para em seguida, de forma aleatória e gratuita, atuarem com ultraviolência, espancando, estuprando, roubando e assassinando quem quer que seja.

Sujeitos ao autoritarismo e determinações impostas por Alex, os seus *druguis* se revoltam e, como vingança, após uma tentativa mal sucedida de assalto a um hotel, assassinam a proprietária e preparam uma armadilha para que Alex seja preso em flagrante.

Enquanto na prisão, a única maneira de conseguir uma condenação menor e de ser colocado previamente em liberdade era a de aceitar ser cobaia de um tratamento psiquiátrico experimental, criado pelo Estado Totalitário, para que, através do condicionamento da mente humana, fosse capaz de eliminar as tendências violentas e criminosas do delinquente.

Tornando-se voluntário do denominado Tratamento Ludovico, Alex se torna forçosamente obrigado a passar horas e horas ouvindo músicas clássicas, em especial,

Beethoven, enquanto assistia a repetidas cenas de ultra violência, sofrimentos e humilhações, similares àquelas que eram praticadas por ele e sua gangue. Com o propósito de se concretizar a eficácia do condicionamento mental em Alex, foram aplicados procedimentos cruéis, como, por exemplo, o uso contínuo e obrigatório de garras de ferro para manter os olhos do delinquente abertos, impedindo o mesmo de desviar o seu foco enquanto assistia as esdruxulas cenas a ele impostas.

Ao ser feita uma ‘lavagem cerebral’ no intuito de se transformar a maldade daquele criminoso em um ser humano liberto de seus arrebatamentos não racionais, os resultados consequentes daquele tratamento psiquiátrico pelo condicionamento causavam demasiado mal estar físico e mental, sempre quando Alex pensava ou desejava cometer os atos maléficis, os quais eram sua forma insaciável de prazer.

Ao sair da prisão e ser reintegrado à sociedade, os procedimentos cruéis usados para a ‘lavagem cerebral’ o tornaram frágil, alienado e impossibilitado de se defender em relação a quaisquer atos ou situações contra ele. Desta feita, tanto ao encontrar pela primeira vez aqueles que eram seus *druguis*, como quando era reconhecidos pelos que sobreviveram às suas agressões, ele era espancado, torturado e humilhado. Mesmo assim, Alex volta a praticar o mal, embora acreditasse que era uma vítima do sistema algoz que violentou a sua condição humana.

Segue-se para uma breve exposição sobre as distopias e sua origem.

3 BREVES RELATOS SOBRE DISTOPIAS

A origem da palavra distopia consiste no prefixo *dis*, de origem latina, significa dualidade, sendo que, de acordo com o grego antigo o prefixo *dys* significa dificuldade; *topos* é usado para designar lugar, um lugar ruim ou com dificuldades, o que Bentivoglio (2017) denomina como deslugar. Ainda de acordo com Bentivoglio (2017), o termo distopia geralmente tem sido representado na literatura mundial como “um lugar mau ou ruim, ou refere-se a uma sociedade decadente, a qual é comandada por um Estado Totalitário que oprime os indivíduos”. A palavra distopia foi usada pela primeira vez em 1868, pelo filósofo britânico, John Stuart Mill ao proferir um discurso no Parlamento Inglês.

Desta forma, entende-se que a distopia vem a ser a ideia ou a descrição, seja de nações, sociedades, povos ou de uma realidade imaginários, em situações de extrema opressão e violência, sob o regime de governos autoritários e corruptos que privam os indivíduos de suas liberdades e condições de vida. Este ponto de vista é corroborado por Joseph Hall quando, em 1605 publicou a obra *Mundus Alter et Idem*, a qual, de acordo com Pasold (1999) foi o primeiro registro do significado do termo distopia, acrescentando que o verbete “pode ser aplicado a relatos de mundos imaginários, usualmente, em um futuro, no qual as tendência dos acontecimentos atuais são levados ao mais desagradável climax”.

Considerando-se que a palavra distopia possui uma carga predominantemente política, e para que, desta maneira possa ser caracterizada, torna-se necessário reconhecer a existência de um regime autoritário opressor, e que os sofrimentos e as consequências resultantes são inevitáveis.

Booker (1994), em seu livro *The Dystopian Impulse in Modern Literature* (BOOKER, 1994), acrescenta que a distopia é “um tema geral que abrange qualquer tipo de visão imaginativa que se tenha de uma sociedade, a qual está designada a destacar criticamente as características que são negativas ou problemáticas do ideal dessa sociedade”.

Observa-se que o universo distópico é aquele submetido a mudanças drásticas, intransigentes e rígidas, através de regimes de governos totalitários, tendo assim, como expressivas consequências as desigualdades sociais, vigilância impositiva constante, a falta de esperança, bem como pessimismo e ausência de perspectivas de mudanças.

Em uma entrevista concedida ao site *Tap Uol*, Alexey Dosworth, Doutor em Filosofia e pesquisador associado à Universidade Ca Foscari de Veneza, na Itália, ressalta que a distopia “é uma expressão que tem um significado muito político pois depende muito da ação

humana (...) necessitando de um elemento que esteja sustentando essa realidade aterradora!”. Conforme as palavras de Dosworth, a distopia “depende dos sofrimentos que o ser humano é capaz de causar, e não pelas inevitabilidades resultantes da criação natural”.

Assim, as distopias nas artes são compreendidas como uma sátira, um aviso que mostra as tendências negativa de uma realidade, sendo que tais tendências podem ser reflexos de cenários em um futuro não específico.

O gênero literário distópico surge no início do século XX, quando o capital começou uma nova fase bélica, com uma política de expansão e domínios territorial, cultural e econômico de uma nação soberana em relação às outras. A partir dos anos 1950 a literatura distópica se tornou mais notória, sendo os autores influenciados pelos contextos pós Segunda Guerra Mundial, os quais trouxeram consequências em todas as esferas que constituem e englobam uma sociedade. Entretanto, foi a partir do ano de 1960 que se pode confirmar a emergente notoriedade das literaturas distópicas.

Nas palavras de Cândido (2000), “nada mais eficaz para chamar a atenção sobre uma verdade do que enxergá-la (...) a narrativa distópica procura potencializar, num futuro próximo, as forças do presente que estão vencendo”.

Considerando-se que as narrativas distópicas podem servir de estímulo para reflexões sobre as relações entre o passado, o presente e o futuro, entre o que é moderno e o contemporâneo, bem como sobre as formas de como os seus predestinados eventos podem afetar a vida na contemporaneidade, em seguida serão apresentados os temas principais da literatura distópica de Burgess, a qual é o objeto de estudo deste trabalho acadêmico.

3.1 Os Elementos Basilares na Distopia em *A Clockwork Orange* (1962)

Influenciada pelo contexto da Guerra Fria, quando foi publicada, Burgess situa a sua *A Clockwork Orange* (1962) em um futuro hipotético no qual alguma forma de regime governamental totalitário se constitui como a norma regente, controlando impositivamente a vida dos cidadãos, repleta de atos desumano e cruéis, imersa em violência, destruição, desesperanças, desejos, revoltas, punições e condicionamento psiquiátrico, para a regeneração, cura e reintegração daqueles a violarem a ditadura imposta.

Através de leituras da *A Clockwork Orange* (1962), em língua inglesa, percebe-se que a distopia na obra de Burgess vem a ser repleta de subjetividades, as quais provocam nos

leitores instigações, sendo o título da obra em estudo já como um dos fatores a causar estranhamento.

Scorci (1999) explica que o título *A Clockwork Orange* é uma expressão da gíria inglesa *cockney* “*as queer as a clockwork Orange*, que nomeia o desajustado/agressivo social-para nós, o tipo “porra-louca, (...) ou seja, algo para denominar aquilo que é esquisito ou incomum”.

No programa da peça *A Clockwork Orange* 2004, Burgess apresenta informações mais precisas, explanando que:

‘Laranja Mecânica’ é uma venerável expressão *cockney* usada para se referir a qualquer coisa *queer*, não necessariamente como alguma conotação de homossexualidade. Na verdade, nada seria mais *queer* que uma laranja mecânica. Quando trabalhei como professor na Malásia, meus alunos, ao receberem a tarefa de escrever ensaios sobre um dia na floresta, muitas vezes se referiram ao fato de terem levado uma garrafa de orange squash. Orange é uma palavra comum em malaio e significa “ser humano” o *cockney* e o malaio se fundiram na minha mente para formar uma imagem de seres humanos, suculentos e doces como laranjas, forçados à condição de objetos mecânicos (BURGESS, 2012, p. 339, grifos do autor).

Uma outra forma da habilidade de Burgess no domínio tanto da língua inglesa como usados outras línguas para assim criar ambientes propícios a cada processo de leitura, vem a ser o próprio nome da personagem principal, que a etimologia da palavra *a-lex* significa sem leis ou fora da lei.

Para que se possa discorrer sobre as linguagens artificiais e a sua importância em *A Clockwork Orange* (1962), torna-se necessário, primeiramente, apresentar algumas considerações sobre as diferenças entre as linguagens natural e artificial.

As línguas naturais são processos de comunicação verbal, os quais são desenvolvidos de maneira natural entre os povos, como por exemplo, o português, o francês, o inglês, sendo uma linguagem que é comum a todos aqueles indivíduos que, em seus específicos países/locais de origem, estabelecem e desenvolvem a comunicação, a qual é comum a todos, usando-a no dia a dia.

Saussure (1997) descreve a linguagem natural como aquela que apresenta “(...) o lado social (língua) e o lado individual (fala). É ‘heterolítica’ e ‘multifacetada’, tendo em vista abarcar vários domínios, envolve aspectos físicos, fisiológicos e psíquicos”.

Sobre a visão de Chomsky (1980) para a linguagem, Peter afirma que o linguista supracitado

(...) acredita que tais propriedades [as propriedades estruturais que distinguem a língua natural de outras linguagens] são tão abstratas, complexas e específicas, que não poderiam ser aprendidas a partir do nada por uma criança em fase de aquisição da linguagem. Estas propriedades já devem ser ‘conhecidas’ da criança antes de seu contato com qualquer língua natural e devem ser acionadas durante o processo de aquisição da linguagem. Parra Chomsky, portanto, a linguagem é uma capacidade inata e específica, isto é, transmitida geneticamente e própria da espécie humana (PETER, 2004, p. 15).

Abordar-se-á sobre as linguagens artificiais e sua importância na obra de Burgess em estudo, no tópico em seguida.

3.1.1 Sobre as Linguagens Artificiais e a sua Relevância em *A Clockwork Orange* (1962)

As linguagens artificiais ganham notabilidade como projetos literários a partir do século XX, e sua importância, vigor e dinamismo são resultantes da criação de novos componentes através de combinações, resultando na adição de novos itens no processo estrutural de uma língua.

O linguista americano Peterson (2015), em sua obra *The Art of Language Invention*, propõe o termo *conlang*, como sendo uma contração do termo “*constructed language*”, que na língua portuguesa significa “língua construída”.

Burgess, quando ao publicar *A Clockwork Orange* (1962) pela primeira vez, cria a linguagem artificial *Nadsat*, como registro linguístico próprio da gangue de adolescentes ultra violentos, que em como líder, o impetuoso, autoritário e ‘demoníaco’, Alex. Um fato instigante sobre a linguagem artificial *Nadsat* é que esta publicação literária, em língua inglesa, não apresenta um glossário que proporcione um entendimento melhor aos leitores. Observando-se que a *Nadsat* é construída com características complexas, e com verbetes que permitem subjetivas e possíveis multissignificações, segundo Marques (2019), Burgess a criou “(...) com a finalidade de provocar um choque linguístico entre o leitor e as personagens da obra, para que assim, o leitor possa se perceber como aqueles personagens secundários externos aos membros da gangue (...)”, os quais, sendo vítimas do show de horrores instalado por Alex e seus *druguis*, passam a observá-los de longe, temerosos do que lhes pode acontecer.

Para criar esse estranhamento, Anthony Burgess faz uso de formas arcaicas do Inglês britânico, como o uso do pronome pessoal *thou* (vós em inglês), além do emprego de novos vocábulos incorporados à ortografia inglesa (como *podooshkas*, do russo *podushka*, “travesseiro”), algo importante para a recepção do leitor e para convencê-lo de que o registro fictício presente no livro seria possível de ocorrer no mundo real (CLARKE, 2017).

Pondera-se que, tal estranhamento e choque linguísticos provocados pelo autor, tanto possam desmotivar e fazer com que o leitor desista de continuar sua leitura, devido ao grau de dificuldade por não entender o significado de mais de 200 verbetes inteligíveis, como também pode motivar o leitor a uma leitura imersiva dos diversos e cruciais temas apresentados na trama, possibilitando assim, múltiplas alternativas para as suas interpretações, a partir das contextualizações em que tais verbetes estão inseridos. Desta forma, a linguagem artificial *Nadsat* se configura como a identidade linguística daqueles jovens delinquentes.

Ao se fazer uma análise sobre o propósito de Burgess em criar uma linguagem artificial que a possibilidade de um dialeto próprio entre os jovens, algo bastante incomum que apenas eles saberiam como usar, compreende-se como algo ideal para todos aqueles que, em épocas e contextos específicos sofrem com a repressão da liberdade de expressão, sofrem com o abuso de imposições excessivamente autoritárias, ou simplesmente, para aqueles que veem na rebeldia como um modo de viver.

Durante toda a leitura se pode observar que os principais temas a revigorarem a distopia em *A Clockwork Orange* (1962), em sua grande maioria são realçados por simbolismos, como por exemplo, a liberdade de escolha, a passagem para a vida adulta, a dualidade entre o bem e o mal, a alienação, a apatia, o temor e o sofrimento provocados pelos atos impiedosos de um regime governamental totalitário, a punição através do encarceramento e do tratamento psiquiátrico que condiciona a mente humana para assim promover a cura e a reintegração social, dentre outros.

Na seção a seguir, apresenta-se a metodologia utilizada para efetivar a coleta de dados desta investigação.

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de Pesquisa

Quanto aos procedimentos de coleta de dados, esta é uma pesquisa do tipo bibliográfica, pois os dados são provenientes da 1ª edição de *A Clockwork Orange* (1962), de Anthony Burgess, bem como de artigos, dissertações, teses e demais conteúdos sobre o assunto pesquisado.

Quanto aos objetivos, a pesquisa é do tipo descritiva-analítica, a qual tem por finalidade a descrição de uma população, de um experiência ou de um fenômeno. Este trabalho objetiva a análise dos elementos basilares que constituem a distopia na referida obra, analisando-se as importância, características, influências e as verossimilhanças em *A Clockwork Orange* (1962) e as relações que estabelecem com os contextos na contemporaneidade.

O método de abordagem usado foi o qualitativo, partindo-se de um estudo no qual o pesquisador explorou os elementos que configuram os propósitos do trabalho, por meio da coleta de dados, envolvendo as referências que foram usadas.

4.2 Amostra

A amostra se constitui de 5 extratos retirados da obra *A Clockwork Orange* (1962) - sendo 5 (cinco) deles da obra original em inglês e suas respectivas traduções tirada da obra traduzida - para a análise e discussão dos elementos distópicos basilares.

4.3 Técnica de Coleta de Dados

A coleta de dados foi realizada através da observação direta da obra de Burgess em estudo, de onde os dados foram extraídos e após analisados, com o propósito de serem confirmados os objetivos propostos para este trabalho acadêmico.

Os dados coletados e as análises feitas estão dispostos na próxima seção.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Apesar de ter sido publicada há mais de 60 anos, os temas abordados na trama distópica *A Clockwork Orange* (1962), de Burgess, a caracterizam como uma das melhores e mais instigantes obras literárias do século XX.

Após a leitura da edição em língua inglesa, em seguida, a edição brasileira traduzida por Fernandes (2012), e observando-se as subjetividades e a temporalidade não cronológica das narrativas, surgiu a motivação para a realização de um estudo mais aprofundado sobre de quais formas a distopia de Burgess possivelmente, reforça os elos entre “tempos passados, o presente e de como tudo vem a colaborar com o futuro, através das expectativas criadas durante as vivências. Assim, motivada principalmente pelas disciplinas de Literatura, Cultura dos Povos e Estudos Culturais das línguas americanas e inglesas, no segundo semestre de 2021, uma pesquisa e estudos mais vigorosos tiveram o seu início.

Através da compreensão dos contextos histórico-social-político e cultura, suas causas e consequências que compõem o enredo de *A Clockwork Orange* (1962), a seguir serão apresentados quadros com extratos tirados da obra em língua inglesa, os quais demonstram os elementos basilares da distopia na obra *A Clockwork Orange* (1962), as quais são acompanhadas de suas respectivas análises, bem como contextualizando os diálogos que emergem com os contextos na contemporaneidade.

QUADRO 1	
<i>What's it going to be then, eh?</i> (BURGESS, 1964, p. 11)	Então, o que é que vai ser, hein? (BURGESS, 1964, p. 41, tradução tirada do livro em português).

Fonte: A autora

Essa pergunta aparece 14 vezes no decorrer do livro, no início das Partes 1, 2 e 3, bem como no início do capítulo final. Além de ajudar a salientar a harmonia da estrutura do romance, esta frase reforça alguns dos temas centrais do romance, incluindo a inviolabilidade da escolha moral individual. Neste ponto, a questão é justificável porque as opções representam a possibilidade de alternativas válidas.

Já na Parte Dois, com Alex condenado por assassinato e preso, ele não está em posição de escolhas, devido ao fato de o Estado abolir o seu direito de deliberar ou decidir no que diz respeito ao seu próprio comportamento. Essa mesma pergunta feita na Parte Três configura-se como uma lacuna, algo vazio, já que a prisão de Alex o coibiu a uma só opção. Sem poder de

autonomia, Alex perde sua identidade como ser humano, tornando-se como um objeto mecanizado, ou até mesmo, como um animal domesticado e, por conseguinte, totalmente suscetível para ser usado nos propósitos de poder controlador do Estado.

QUADRO 2	
<i>The attempt to impose upon man, a creature of growth and capable of sweetness, to ooze juicily at the last round the bearded lips of God, to attempt to impose, I say, laws and conditions appropriate to a mechanical creation, against this I raise my sword-pen. (BURGESS, 1964, p. 28)</i>	A tentativa de impor ao homem, uma criatura evoluída e capaz de atitudes doces, que esorra suculento pelos lábios barbados de Deus no fim, afirmo que a tentativa de impor leis e condições que são apropriadas a uma criação mecânica, contra isto eu levanto minha caneta-espada. (BURGESS, 1964, p. 67, tradução tirada do livro em português).

Fonte: A autora

Para que a vontade humana seja verdadeiramente livre, Burgess argumenta que os seres humanos devem ser capazes de fazer escolhas más e depravadas legitimamente, caso contrário, o bom comportamento permanece um gesto vazio e sem sentido. Embora o estilo de prosa de F. Alexander possa parecer ridiculamente exagerado, e sua traição a Alex possa questionar seu caráter, isso não significa que podemos negligenciar a verdade essencial dessa passagem. Na primeira parte, capítulo 2, antes de estuprar F. Alexander e sua esposa, Alex lê esta passagem do manuscrito de F. Alexander "*A Clockwork Orange*" e zomba do didatismo artificial de sua prosa. Além disso, os dois homens (Burgess e F. Alexander) permanecem fiéis a essa fé, apesar de terem sido vítimas de suposta violência por parte de refugiados do governo. Alex rejeita essa passagem quando a lê pela primeira vez, mas se lembra dela mais tarde no romance, quando seu livre arbítrio é revogado pelo Estado. Esta citação representa a expressão mais curta do tema principal de Burgess, um ponto reforçado pelo fato de que Burgess dá tanto à sua versão quanto ao manuscrito de F. Alexandre suportes à mesma mensagem, ou seja, ambos usam seus livros para criticar os governos que buscam restringir as liberdades individuais impondo a alienação.

QUADRO 3	
<p><i>They don't go into the cause of goodness, so why of the other shop? . . . Badness is of the self, the one, the you or me on our oddy knockies, and that self is made by old Bog or God and is his great pride and radosty. But the not-self cannot have the bad, meaning they of the government and the judges and the schools cannot allow the bad because they cannot allow the self. And is not our modern history, my brothers, the story of brave malenky selves fighting these big machines?</i> (BURGESS, 1964, p. 44)</p>	<p>Eles não procuram saber qual a causa da bondade, então por que ir à outra loja? Se os plebeus são bons é porque eles gostam, e eu jamais iria interferir com seus prazeres, e o mesmo vale para a outra loja. E eu frequento a outra loja. E mais: maldade vem de dentro, do eu, de mim ou de você totalmente odinokis, e esse eu é criado pelo velho Bog ou Deus, e é seu grande orgulho e radóstia. Mas o não eu não pode ter o mau, quer dizer, eles lá do governo e os juízes e as escolas não conseguem permitir o mau porque não conseguem permitir o eu. E não é a nossa história moderna, meus irmãos, a história de bravos eus malenks combatendo essas grandes máquinas? (BURGESS, 1964, p. 89, tradução tirada do livro em português).</p>

Fonte: A autora

Esta citação é oriunda da Parte Um, Capítulo 4, quando Alex vai de encontro às proposições de P.R. Deltoid ao impor a sua assertiva em relação à origem do comportamento desumano, atroz. Deltoid e aqueles colegas de governo que comungam dos mesmos pontos de vista, mesmo trabalhando de forma incessante para alcançarem os seus propósitos, ainda estão distantes de conseguirem respostas. Alex contra-argumenta de que não há resposta, porque o mal é uma parte natural do ser humano, e da mesma forma, é tão inexplicável quanto a bondade. Ademais, através das narrativas sobre a questão em voga, observa-se que o mal, assim como o bem, é uma escolha, o que se confere quando Alex pontua ao se referir a ele como uma “a outra loja” que ele frequenta. Ao confirmar a legitimidade de sua escolha do mal, Alex faz emergir um de seus pensamentos filosóficos de maior essencialidade nas narrativas do romance. Durante o processo, quando clama a Deus Alex se expressa reforçando o conceito e noção da alma imortal como sendo a mais relevante criação de Deus ou, como diz Alex, “seu grande orgulho e *radóstia*”. Por este motivo, o governo de regime totalitário tem o objetivo de abster o indivíduo de sua escolha, o que, fundamentalmente, representa procura privar o indivíduo de sua escolha, o que, em essência, equivale a impedir o indivíduo de sua alma.

Quando Alex tece comentários sobre o “governo, os juízes e as escolas” também revelam a sua sagacidade e ironia. Sendo a maldade algo perturbador e causador de desequilíbrios em uma sociedade, por conseguinte, torna-se prejudicial ao regime estatal totalitário. Desta feita, o Estado gera insatisfações individuais e coletivas, levando aqueles que são de encontro às suas imposições a se rebelarem contra o governo e contra as suas instituições. Em suma, quando Alex se pronuncia em relação à história moderna, ao mesmo

tempo, faz referências às vivências no mundo contemporâneo, no qual as revoluções que emergiram tendo como propósito basilar a melhoria de uma sociedade, a maioria das vezes foram atravancadas em nome da liberdade individual.

QUADRO 4	
<i>What does God want? Does God want goodness or the choice of goodness? Is a man who chooses the bad perhaps in some way better than a man who has the good imposed upon him?</i> (BURGESS, 1964, p. 93)	O que Deus quer? Será que Deus quer insensibilidade ou a escolha da bondade? Será que um homem que escolhe o mal é talvez melhor do que um homem que teve o bem imposto a si? (BURGESS, 1964, p. 156, tradução tirada do livro em português)

Fonte: A autora

A fala do capelão, a qual representa uma concepção eminentemente cristã na trama de Burgess, refere-se ao livre arbítrio, em contraponto ao Tratamento Ludovico pelo qual Alex será submetido, como uma reforma/reeducação comportamental imposta através de procedimentos psicológicos experimentais, os quais, ao condicionarem a mente humana tem como proeminente objetivo de se alcançar a cura pela incapacidade do delinquente de realizar atos perversos. O capelão duvida do valor moral do Tratamento Ludovico, questionando-se se a benevolência forçada não seria algo mais maligno do que o próprio pecado, atrocidades e crueldade em si, e que, através do condicionar a mente humana poderia ser capaz de, eficazmente, ter como consequência a tão esperada cura daqueles delinquentes. O Tratamento Ludovico elimina a essência da humanidade quando não permite o livre arbítrio, que imperiosamente inclui a opção de ser mau.

Burgess ao incluir um procedimento experimental psicológico em sua trama, o qual denominou de Tratamento Ludovico, faz uma referência a Pavlov (1927) e à Psicologia Behaviorista, a qual segundo John Watson (1930) ressalta que esta é uma teoria de aprendizagem baseada na ideia de que todos os comportamentos são adquiridos através do condicionamento da mente, do tipo chamado Condicionamento Operante (muitas vezes se referindo ao condicionamento através da cura por instrumentos), no qual se utilizam de ‘prêmios’ e punições, distintamente relacionados aos resultados de tais comportamentos e as consequências advindas do mesmo.

QUADRO 5	
<i>And nor would he be able to stop his own son, brothers. And so it would itty on to like the end of the world, round and round and round, like some bolshy</i>	E nem ele seria capaz de deter seu próprio filho, irmãos. E assim isso ititaria até tipo assim o fim do mundo, sem parar sem parar sem parar, como um

<i>gigantic like chelloveck, like old Bog Himself (by courtesy of Korova Milkbar) turning and turning and turning a vonny grazhny orange in his gigantic rookers.</i> (BURGESS, 1964, p. 144)	tchelovek bolshi gigante, como o velho Bog em pessoa (por cortesia do Lactobar Korova), girando e girando e girando uma laranja voni grazni em suas rukas gigantescas. (BURGESS, 1964, p. 273, tradução tirada do livro em português)
---	---

Fonte: A autora

Essa passagem aparece no capítulo final do romance e é retirada do monólogo interno e mental de Alex sobre seu filho imaginário. Alex questiona se seu futuro filho dará ouvidos aos seus conselhos paternos, tem certeza de que seu filho seguirá seus passos e não se importará com as lições bem-intencionadas de seus pais, além de que o filho de seu filho fará o mesmo. Essa compreensão faz parte da compreensão que Alex tem sobre os padrões inescapáveis da vida e a conexão entre violência e imaturidade. Para Alex, esses padrões de vida são inevitáveis e, portanto, ele vê suas próprias travessuras como uma parte natural e necessária da juventude e, como tal, uma parte necessária do crescimento.

Cedido algum sentido e explicação ao seu comportamento odioso quando contextualizado dentro de um progresso maior em direção à maturidade, Alex percebe que teve que se sacrificar por esse entendimento. Isso está de acordo com a concepção cristã do pecado original, que afirma que o homem nasce predisposto ao mal e se liberta apenas por meio do sofrimento e da graça divina. Alex considera seu próprio sofrimento suficiente para seguir em frente sua vida, o que desse jeito se torna “verdadeiro cristão” que nunca poderia ser como a criação e tratamento feito por Brodsky. Ao encerrar o romance com essa passagem, Burgess encerra o livro tanto estrutural quanto tematicamente. Seguindo essa passagem, Alex passa a usar o tempo presente, pois faz planos para procurar a mãe de seu filho. Dessa forma, a passagem acima chama a atenção e se afasta da estrutura formal do romance.

Segue-se, por fim, para as considerações finais onde se discorre acerca das hipóteses confirmadas, a partir dos achados desta investigação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo consciente de que este é um trabalho com formalidade acadêmica, solicita-se a compreensão para, de maneira, um tanto quanto ousada e incomum, ter a oportunidade de se poder introduzir as considerações finais.

Para tanto, torna-se viável recorrer, tanto a um dos memoráveis aforismos de Shakespeare - “Ser ou não ser! Eis a questão!”, bem como, a uma exclamação, de cunho popular, “De onde venho, onde estou, e para onde vou!”.

Repletas de subjetividades e expectativas de possíveis respostas, fulguram-se assim, as premissas de se concretizar os resultados de como os estudos, pesquisas e análises de como uma obra que foi escrita há mais de 60 anos, configura-se como o objeto de estudo para se identificar e analisar os elementos de suas narrativas distópicas, com o objetivo de se poder confirmar as possíveis relações existentes entre os tempos passado, presente e futuro(s).

O objeto de estudo deste trabalho acadêmico é a obra distópica *A Clockwork Orange* (1962), de Anthony Burgess, em sua primeira publicação, em língua inglesa, tendo-se como o propósito primordial, a identificação, apresentação e análise dos elementos distópicos basilares, que estão incrustados na referida obra, os diálogos e elos que mantêm como constantes reflexos na contemporaneidade.

Torna-se necessário deixar explícito que, a temporalidade em relação às análises não se constitui como um tempo cronológico, porém, são cruciais para a compreensão de como as literaturas distópicas podem ser sim, consideradas como um reflexo e um alerta dos eventos que, possivelmente, podem ser ou serão vivenciados, de alguma forma, na contemporaneidade.

A referida obra influenciou não apenas a literatura, como também, na música e podendo-se citar bandas como *Sex Pistols*, *Moloko*, *Siouxsie and the Benchees*, *Depeche Mode*, *Pink Floyd*. Entre os artistas de carreira solo, David Bowie, Grace Jones, Madonna, dentre outros. Na produção cinematográfica, podem ser elencados ‘O Planeta dos Macacos’, *Fahrenheit 451*, *Matrix*, Os Contos de Aia, dentre outros.

A hábil criação e o uso da linguagem artificial *Nadsat* pode se considerar, de forma assertiva, que vem a ser o retrato vivo e contínuo do se estabelecer uma identidade àqueles grupos rebeldes, revolucionários ou oprimidos que vigoram o uso de dialetos para o estabelecimento de uma comunicação própria entre os seus partícipes.

Ir e vir e se perpetuar é um direito de todos os indivíduos! Porém, os abusos de governos totalitários, os quais, através de cruéis e destemperadas imposições, cerceiam a

liberdade de expressão, impõem o seu poder esdrúxulo para que os indivíduos permaneçam em total ausência de autoafirmação do livre arbítrio, continuamente mantendo sob exacerbada e cruel vigilância aqueles contrários aos seus efêmeros propósitos de dominação/domesticação, bem como, o absoluto controle de bens e meios de comunicação, para assim, poderem propagar e concretizar os seus desejos, imbuídos de interesses pessoais, corrupção e promoção da degradação dos ambientes que constituem uma sociedade.

A literatura distópica em *A Clockwork Orange* (1962), confirma-se, sim, como um aviso sobre as origens e consequências das ações de governos ditatoriais, como o estabelecimento de ambientes sombrios e que causam sofrimentos destemperados aos cidadãos sendo estes impedidos de poderem atuar, estudar, trabalhar, e até mesmo viver com dignidade e melhores oportunidades para o exercício da cidadania.

Tornou-se possível se confirmar que a forma de como a trama foi desenvolvida por Burgess, os temas de suas narrativas e os impiedosos abusos cometidos pelos governantes corruptos daquele regime totalitário e suas consequências, mesmo enquanto literatura distópica pouco difere dos eventos históricos observados na contemporaneidade. Como exemplos tristes e vergonhosos de alguns eventos reais desde a modernidade até os dias atuais, podendo-se citar: a ditadura militar brasileira, a República Popular da China (tido como um dos governos mais autoritários do mundo), os governos ditatoriais da Coreia do Norte, do Irã, do Zimbábue, dentre outros. Passeando-se por entre Mussolinis, Hitlers, Pinochets, Husseins, Mao Tsé-Tungs, Maduros, Francos, Geisels e Figueiredos, torna-se pouco provável de não se ter como confirmar que, a distópica *A Clockwork Orange* (1962) tivesse algum obstáculo em ver consolidados os eventos de seus imaginários futuros, através dos tempos históricos da vida real dos indivíduos.

O trabalho escravo, em muitos lugares, ainda persiste! A reeducação/reintegração social de jovens e adultos ‘desviados’ através de procedimentos psiquiátricos cruéis, ainda persiste! A vigilância como controle exacerbado continuam no comando! As fobias, os preconceitos e a falta de respeito em relação às etnias, identidades de gêneros, religiões, continuam presentes! A violência ou ultraviolência nunca deixou de cessar! Governos mundiais corruptos, que não promovem a educação, arte, saúde, segurança, cultura e o bem-estar digno, fundamental e imprescindível à sociedade, também continuam ‘por aí’!

Através deste estudo e das análises realizadas sobre a obra distópica *A Clockwork Orange* (1962), de Burgess, foi possível se confirmar as hipóteses anteriormente apresentadas, ressaltando-se a fundamental importância dos diálogos estabelecidos entre as características e

influências das literaturas distópicas e os contextos histórico-social-político e cultural na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BRIEF life. In: **International Anthony Burgess Foundation**. 2019.

ASIMOV, I. **Review of 1984**. In: Access in June 2022.

BARNES, L.; VAN HEERDEN, C. **Virtual Languages in Science Fiction and Fantasy Literature**. *Language Matters*, Abingdon, v. 37, ed. 1, p. 102-117, 2006.

BOOKER, K. M. **The Dystopian Impulse in Modern Literature**: fiction as social criticism. Westport, CT: Greenwood Press, 1994.

BYRNES, S. Unveiled: Work by Anthony Burgess suppressed for years. In: **The Independent**. Londres, 5 dez. 2010.

BURGESS, A. **A Clockwork Orange**. Londres: Heinemann, 1962.

BURGUESS, A. **Laranja Mecânica**. Tradução de Fábio Fernandes. Aleph: SP, 2012

_____. **A Laranja Mecânica**. Tradução de Nelson Dantas. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.

CÂNDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CHOMSKY, N. **Linguagem e Mente**. 3ª ed. Cambridge University Press. Editora UNESP

CLARKE, J. **The Aesthetic of Anthony Burgess: Fire of Words**. Coventry: Palgrave MacMillan, 2017.

CUNHA, J. R. Distopias: algumas reflexões filosóficas. In: RIPOLL, L et al. **Cinema e distopia: explicação de conceitos e mundos paralelos**. 4ª ed. Florianópolis Publicações/UFSC, 2020.

EVANS, R. O. **Nadsat: The Argot and Its Implications in Anthony Burgess's A Clockwork Orange**. *Jornal of Modern Literature*, 1971.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica**. 3.ed. Campinas, SP. Editora Alínea, 2003.

HALL, J. **Mundus Alter et Idem: an old world and a new**. Createspace Independent Publishing Plataform, 2010

HILÁRIO, L. C. **Teoria Crítica e Literatura: distopia como ferramenta de análise radical da Modernidade**. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 201- 215, 2013.

LANDERS, C. E. **Literary Translations: A Pragmatic Guide**. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A Construção do Saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Editora UFMG, 2008.

LÖWY, M. **Aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de História”**. São Paulo: Boitempo, 2005a.

_____. **Franz Kafka, sonhador insubmisso**. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2005b.

_____. **Barbárie e Modernidade no século XX**. In: **Marxismo, modernidade e utopia**. São Paulo: Xamã, 2000.

MARQUES, T. L.; MELO, V. F. **A linguagem nadsat: uma análise da tradução dos principais neologismos dentro do livro Laranja Mecânica**. Mosaico. São José do Rio Preto. v. 18, n. 1, p. 563-577, 2019

MATTÉI, J. **A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MOYLAN, T. **Scraps of the Untainted Sky: Science Fiction, Utopia, Dystopia**. Boulder: Westview Press, 2000.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 11ª ed. Campinas- SP. Pontes Editores, 2013.

PASOLD, B. **Utopia x Satire in English Literature**. Florianópolis: UFSC, 1999.

PAVLOV, I. P. **Conditioned reflexes: an investigation of the physiological activity of the cerebral cortex**. Trad. G. V. Anrep. Londres: Oxford University Press, 1927.

PETER, M. **Linguagem, língua, linguística**. IN FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à linguística: objetos teóricos**. v. 1. São Paulo: Contexto, 2004, p. 11-24.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa do Trabalho Acadêmico**. 2ª ed. Editora Feevale, 2013.

RAVYSE, N. E. **Nadsat: the oscilation between reader immersion and repulsion**. Meyerton:Norhwest University, 2013.

SANTOS, A. P. **O protagonista nas laranjas mecânicas: um tchelovek bratchni ou um maltchik bizumni?**. 2016. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em**

educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WATSON, J. B. **Psychology as the behaviorist views it.** Psychological Review, v.20, p.158-77, 1913.

